

O BRINCAR NA NATUREZA É UMA AVENTURA PARA AS POPULAÇÕES GUARANI DO PARANÁ?

Nayara Maysa dos Santos, Fábio Alexandre Uema, Giuliano Gomes de Assis Pimentel, Amauri Aparecido Bassoli de Oliveira
CNPq, Rede CEDES, Universidade Estadual de Maringá (UEM)
E-mail: nayara_maysa@hotmail.com

Resumo

Como é a aventura entre os Guarani do Paraná? Qual é sua forma de interagir ludicamente com a natureza? Para a realização desta pesquisa e obtenção de resultados foram visitadas nove terras indígenas. Com a pesquisa em andamento o trabalho busca diagnosticar as atividades físicas de aventura na natureza nas comunidades indígenas Guarani do Paraná. Por meio de pesquisa, entrevista, questionário e análise de documentos o projeto vem se desenvolvendo. Em algumas realidades, a pesquisa vem mostrando que, apesar de se possuir espaços físicos adequados para a prática de esportes na natureza, ela é quase inexistente, dando lugar à vivência de outras atividades e lazeres. Noutros grupos, o contato com o ambiente natural é corriqueiro desde a infância, mostrando uma inter-dependência dessa relação com diferentes esferas da vida.

Palavras-chave: Aventura; natureza; Guarani.

Introdução

As atividades de aventura, ocorram elas em meio natural ou modificado, ainda expandem suas fronteiras de intervenção e, também, de pesquisa (embora não seja rigoroso estudar um fenômeno a partir dos rótulos comerciais, como é comum nas subdivisões dos segmentos do turismo). No presente texto, será discutida a interação lúdica com o meio natural dos índios Guarani de duas regiões do Paraná (Litoral e Rio Paraná). Um dos tópicos dessa análise são as similaridades e diferenças da aventura indígena com as formas ocidentais mais evidentes: o turismo de aventura e o esporte na natureza.

A primeira delas relaciona-se às viagens em busca de emoções e belas paisagens. O turismo de aventura no Brasil é um mercado quase inesgotável, devido aos 55.000 km de rios, chapadas, cachoeiras, 3.400 cavernas, 8.000 km de costa, a maior floresta tropical do planeta e montanhas de até 3.000 metros de altitude. A demanda em 2003 foi de 20.000 pessoas procurando por pacotes de aventura nas quatro maiores empresas especializadas no ramo. Uma pesquisa feita pela Embratur numa feira anual de aventura – *Adventure Sports Fair* – que recebeu 82.000 pessoas na última edição, revelou que quase

metade dos visitantes praticava esportes radicais e que 90% sonhava em praticar. (MARCHI, 2004).

Outra proposição conceitual é a dos “esportes na natureza”. Essa proposta concentra-se em vivenciar e pesquisar o esporte como uma prática que estabelece relações intersubjetivas com a natureza, a fim de extrair prazer dessa interação. E na medida em que a própria natureza é apontada como uma das suas motivações principais, seus simbolismos são permeados por uma espécie de mitologia do reencontro com a natureza selvagem. Pode-se perceber que estamos diante de uma indicação próxima daquela pretendida pelo conceito de “esportes de deslize” ou “esportes ao ar livre”. Aliás, um tanto próximo também da conceituação que opera sob o termo “esportes de aventura”. [...] Daí, o entendimento de que os chamados “esportes de aventura”, pelas suas origens, estivessem, num primeiro momento, associados às práticas na natureza, onde seu significado também poderia ser contrastado com os esportes mais convencionais, ao passo que nessas modalidades busca-se e valoriza-se a imprevisibilidade, enquanto que “nos outros”, busca-se, pelo contrário, reduzir sistematicamente o risco através da domesticação do espaço. (DIAS, p.9-10. 2007). Ainda se focando na questão do lugar onde esses esportes se realizam, destaca-se a dimensão imprevisível e pouco demarcada, que produziria certo caráter inovador e diferencial.

Em ambas as configurações é colocado que a natureza é fator catalisador porque gera superações frente a riscos imaginados. Como os praticantes de aventuras residem no meio urbano, esse contato é sempre cercado de expectativas e surpresas. Poderá, entretanto, a atividade na natureza constituir-se em aventura para grupos étnicos tradicionais no contato com a natureza? O que difere seu universo lúdico em relação ao contato com o meio natural? O presente estudo apresenta algumas descobertas, optando pela supremacia da descrição do real em confronto às leituras que folclorizam o índio a uma condição de eterno bom selvagem.

Nos séculos XVI e XVII “Guaranis” era denominado como grupo que se encontravam desde a costa atlântica até o Paraguai e que obtiam a mesma língua, com a chegada dos espanhóis e portugueses o território que até então era ocupado pelos guarani passa a ser disputado. (LADEIRA, 2010).

Atualmente os guarani M'bya, Ñandeva (Xiripa) e Kaiowa, ocupam partes do Brasil, Paraguai, Argentina e do Uruguai. No Brasil os Kaiowa habitam na região sul do Mato Grosso do Sul, os Ñandeva (Xiripa) vivem em aldeias situadas no Mato Grosso do Sul, no interior dos estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Os M'Bya concentram-se no interior e no litoral do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. A população guarani no Brasil é estimada em torno de 34 mil pessoas, entre os Kaiowa (18 a 20 mil), Ñandeva (8 a 10 mil) e M'Bya (5 a 6 mil). (LADEIRA, 2010).

Segundo Arruda e Diegues (2001, p. 32), as concepções de natureza para os indígenas, ao contrário do pensamento ocidental, compreendem “interligação orgânica entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social”.

Indo ao encontro desse pressuposto, é importante para os Guaranis M'Bya ter um ambiente que apresente em seu conjunto, matas preservadas, solo para agricultura, nascentes, etc.. Para que possam exercer melhor o seu modo de ser e da mesma forma suas regras sociais.

O tema abordado tem como justificativa ampliar os conhecimentos referentes às práticas de aventura dos índios Guarani, de forma a estabelecer diálogos multiculturais. Este artigo tem como objetivo analisar as atividades na natureza pelos índios Guarani nas terras indígenas, descrevendo como se manifestam.

Aspectos metodológicos

O presente trabalho é financiado com recursos da Rede CEDES/Ministério do Esporte e pelo CNPq (Edital Universal e PROBIC). Até abril de 2010 foram realizadas coletas em nove terras indígenas Guarani, a saber, Comunidade Laranjinha (Santa Amélia), Pinhalzinho (Tomazina), Ilha da Cotingá e Sambaquis Guaraguaçu (Paranaguá), Kuray Guata Porã (Guaraqueçaba), Araça-í (Piraquara), Ocoy (São Miguel do Iguaçu), Tekohá Anätete e Tekohá Itamara (Diamante D'Oeste). Até dezembro de 2010 abrangerá as práticas corporais e as políticas públicas pertinentes aos grupos indígenas do Paraná, totalizando uma população aproximada de 10 mil pessoas em 21 comunidades, englobando etnias Guarani, Kaingang e Xetá.

O trabalho de campo contou com entrevistas, inventário, registro das imagens por filmagem e fotografia. No tocante à coleta de dados, esta seguiu o contato com caciques e autorização dos mesmos para incursão de campo. A equipe de trabalho realizou inventário sobre as condições estruturais da comunidade, seus rituais, religião, jogos, lazer, educação escolar e não-formal, presença de deficientes, dificuldades, além das políticas públicas e projetos estatais (dos poderes municipal, estadual e federal).

Posteriormente, os líderes eram entrevistados sobre as categorias supra-mencionadas, bem como a equipe de trabalho realizava contato com crianças, jovens, idosos e adultos a fim de consultá-los sobre suas práticas. Em muitos casos, as pessoas compreendiam parcialmente a língua portuguesa (dos pesquisadores), sendo necessária a intervenção de líderes. Noutras essa dificuldade era resolvida quando as crianças, na dificuldade em porém suas práticas em palavras, resolviam o problema mostrando-as. Isso permitiu um rico material em imagens.

O projeto vem sendo desenvolvido desde 2009 com comunidades indígenas no Estado do Paraná a partir de observação direta e pesquisa-ação. Significa que, finalizada a fase diagnóstico da coleta de dados, serão realizadas ações para melhorar a realidade esportiva e de lazer nas comunidades indígenas, conforme a vontade das lideranças consultadas.

Desenvolvimento

Vale considerar que o leitor necessitará de se despir das imagens congeladas de índio, como sendo aquela pessoa que vive nua e sobrevive isolada nas matas. Na atualidade, devido ao tamanho reduzido de suas terras e aos próprios benefícios do contato com a denominada civilização ocidental, as populações indígenas fazem uso de tecnologias e aparatos culturais diferentes dos seus tradicionais. Mas isso não significa que eles estejam deixando de ser índios.

Também é importante lembrar das diferenças entre as etnias, que são tidas como grandes entre eles. Um exemplo é o processo de hibridação cultural dos Guarani que foi diferente dos Kaingang. Ainda que o contato com os colonizadores tenha sido mais tardio do que o ocorrido com outros grupos indígenas, na medida em que perderam seus territórios tradicionais, foram

aldeados em pequenas aldeias, tutelados pelo estado e tiveram que ressignificar suas tradições. (NASCIMENTO JUNIOR, 2009).

O processo de trabalho produção organizado pelos colonizadores influenciou o modo de viver dos Kaingang nestes territórios de forma diferente de como afetou os Guarani, embora ambos os povos tenham sido expropriados de sua liberdade anterior. Ambos, por exemplo, tiveram reduzidos os locais para caça, pesca e a busca por sobrevivência. Sem poder exercer essas funções, com as facilidades que a modernização, a doutrinação cristão e os auxílios compensatórios que lhes são oferecidos não se sabe se o Guarani permanece identificado espiritual e ludicamente com a natureza ou mesmo se ela serve de momento de fuga do estresse, a exemplo de boa parte dos citadinos em busca de aventura na natureza.

Das terras indígenas visitadas até então, foram observados espaços apropriados para a prática de aventuras na natureza, lugares que muitas vezes são alvos de procura dos não-índios para tal prática. É concebido que vivendo nesses espaços os indígenas não possuem o costume de praticar aventuras na natureza tal como são feitas pelos não-indígenas. Porém, muitas das formas tradicionais também não são mais feitas, conforme a preocupação dos mais velhos.

A atual falta de atividades físicas de aventura na natureza, faz com que os moradores sintam falta das atividades que antes eram realizadas, conforme relata um vice-cacique que sente-se orgulhoso ao ter tido uma infância cheia de aventuras, quando desciam o rio na enchente boiando sobre jangadas feitas da bananeira, e quando também desciam as ladeiras da comunidade com carrinho de rolemã improvisado, com pneus maiores para enfrentar os pedregulhos e freios.

As atividades não são praticadas como eram antes pelos moradores mais novos da comunidade, principalmente as brincadeiras originárias da cultura indígena. Em certos contextos isso é referente ao pouco espaço preservado. Noutros, o espaço é considerado relativamente grande para a prática de várias atividades, como é relatado por um dos professores da escola da comunidade:

Antes, quando a gente era crianças entre 7 e 8 anos a gente brincava de caça, subia nas árvores, fazia jangadinha de bananeira,

brincávamos no rio com pinguela. E as mulheres brincava muito de bonequinha de milho. A nossa preocupação hoje é que às crianças não brincam mais, só assistem televisão e jogam vídeo-game.

Durante as visitas foi possível constatar que a televisão e o vídeo-game preocupam os mais velhos. Em contraponto, tais opções não se constituem predominantes na preferência das crianças, pois em vários momentos se divertiam com a natureza. Mas na visão dos não-índios, diversões que não são de aventura na natureza, aquela que envolve o risco, adrenalida e o medo, envolvendo apenas o lazer.

Para ilustrar, a aventura para duas crianças indígenas de 9 anos, é passar a tarde no rio pescando de tarrafo e pescando manualmente (enfiando o braço nos buracos dos barrancos). Para elas, a pesca não tem apenas o fundo de busca do alimento, e mais o prazer em estar no rio pescando e se refrescando, correndo o risco de em um desses buracos conter uma cobra. No final das pescarias esses pequenos índios se divertem ao subir em árvores, e a quase 4 metros de altura saltam no rio.

A bicicleta que nos grandes centros urbanos é utilizada em maior escala durante os finais de semana pelos aventureiros, nas aldeias elas servem apenas como meio de transporte, o que é menos comum nas cidades urbanizadas. Mesmo dotado de trilhas e locais específicos para a prática de aventura na natureza com a bicicleta, os índios não a enxergam como objeto de lazer. Ao contrário dos não-índios aventureiros que usariam esse espaço para a prática do *mountain bike*, e possivelmente alguma outra modalidade, no caso o *motocross*.

Sem ser relacionado diretamente à natureza, os Guarani praticam atividades como: movimentos gímnicos, correr, saltar, parada de mão, rolamento; peteca; bolinha de gude; sinuca; bugalha; boneca; lutinha com galhos secos; e o futebol. Dentre essas atividades citadas, o futebol como em todo o país é o que tem mais adeptos, tanto das crianças e dos adultos, envolvendo a preferência também das mulheres.

Das terras indígenas visitadas, as únicas que não possuíam campo de futebol foram aquelas que não tinham espaço físico adequado, morros, e poucas famílias morando na comunidade. As demais terras indígenas possuem

o campo de futebol com balizas e demarcações, não sendo ótimo o espaço, mas o suficiente para haver a prática do futebol, que é praticado semanalmente.

O futebol tem grande importância entre os indígenas por permitir a interação entre índios de aldeias próximas, e também na interação com os não-índios moradores de cidades vizinhas. Uma vez que rotineiramente os times de futebol das comunidades participam de amistosos e campeonatos envolvendo os times da região.

Por meio da interação que o futebol causa, sendo uma modalidade adaptada a qualquer biotipo de pessoa, e por ser praticada tanto de uma maneira não formal, ou seguindo as próprias regras do jogo, faz com que os índios tenham uma consideração a mais pelo futebol.

A importância que é dedicada aos jogos de futebol indígena, faz com que haja a prevalência do *fair-play*, o jogar honestamente, criando respeito mútuo entre os participantes. No momento de uma falta, a regra é sempre aplicada, não havendo a 'lei da vantagem'.

Entretando, com a preferência do futebol os indígenas acabam não conhecendo outras modalidades, principalmente aquelas que podem ser praticada na natureza, não por falta de espaço, mas sim por falta de conhecimento e oportunidade.

Conclusão

Fora o futebol não se presenciou muito a realização de outros jogos e brincadeiras, até provenientes da cultura indígena. Talvez seja pelo fato da tecnologia e da aproximação com os povos não-índios. Como acontece com as crianças não-índias, há sempre a suspeita de uma perda da tradição. Em parte isso pode ser decorrente das novas tecnologias e do menor tempo que os familiares dispensam ao contato com os filhos.

Outra hipótese para a falta de lazer visualizados nas comunidades, seria pelo limite de pouco tempo de permanência em algumas comunidades, quando as pessoas se sentem constrangidas pela presença de pessoas que não fazem parte do seu vínculo pessoal.

Visto que os indígenas já vivem em meio a natureza, o conceito de aventura para eles é diferenciado dos não-índios, uma vez que muitos deles

usam da trilha, a escalada de morros como local para se locomoverem, um atalho, tornando-se uma atividade diária, rotineira. O que para os aventureiros seria um local para realizar esportes de aventura na natureza é, para eles, um lugar conhecido para diversas brincadeiras e atividades produtivas.

Em muitos casos, os índios possuem paredes que poderiam ser utilizadas para escalada, cachoeiras que poderiam ser realizada para *rappel*, rios com correntezas para praticar *rafting*, trilhas para caminhar ou mesmo praticar *mountain bike* e *motocross*, entre outros. Mas esses espaços não são vistos por eles como local para prática de esportes em ambientes naturais, pela falta de conhecimento e costume dessas modalidades. Além da falta de materiais e instrumentos, é uma hipótese que lhes falte necessidade em consumir tais experiências estranhas ao seu modo de vida. Sua ludicidade é permeada por elementos da natureza, de forma já habitual. Se esse aspecto parece não estar perdido, a procura pela natureza é desnecessária. Por não lhes fazer falta, justamente essa aventura sequer lhes é percebida.

Assim, em conclusão, há algo que escapa ao paradigma do esporte e do turismo de aventura, pois o Guarani parte de outra sensibilidade, transferindo a aventura para a totalidade de sua vida. Para muitos grupos não é totalmente assimilável a fragmentação do tempo, tendo em vista muitos ainda conviverem com uma marcação natural do tempo. Eis que, pois, para o Homem cuja vida é na e com a natureza, as atividades de aventura vão ocorrendo desde a infância e sobre diferentes esferas da vida.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Rinaldo S.V. e DIEGUES, Antônio Carlos (Org). *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; S. Paulo: USP, 2001.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. *Notas e definições sobre esporte, lazer e natureza*. Rio de Janeiro. 2007.

LADEIRA, Maria Inês. *Guarani M'bya*. Disponível em: [Http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-mbya](http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-mbya). Acesso em 10 de abril de 2010.

MARCHI, Kátia Bortolotti. *Atividades físicas de aventura na natureza: uma leitura sociológica a partir dos "jogos mundiais da natureza"*. Curitiba. p. 8. 2004.

NASCIMENTO JUNIOR, José Roberto Andrade do. *Jogos Indígenas: o futebol como esporte tradicional kaingang*. Maringá: UEM. 2009.